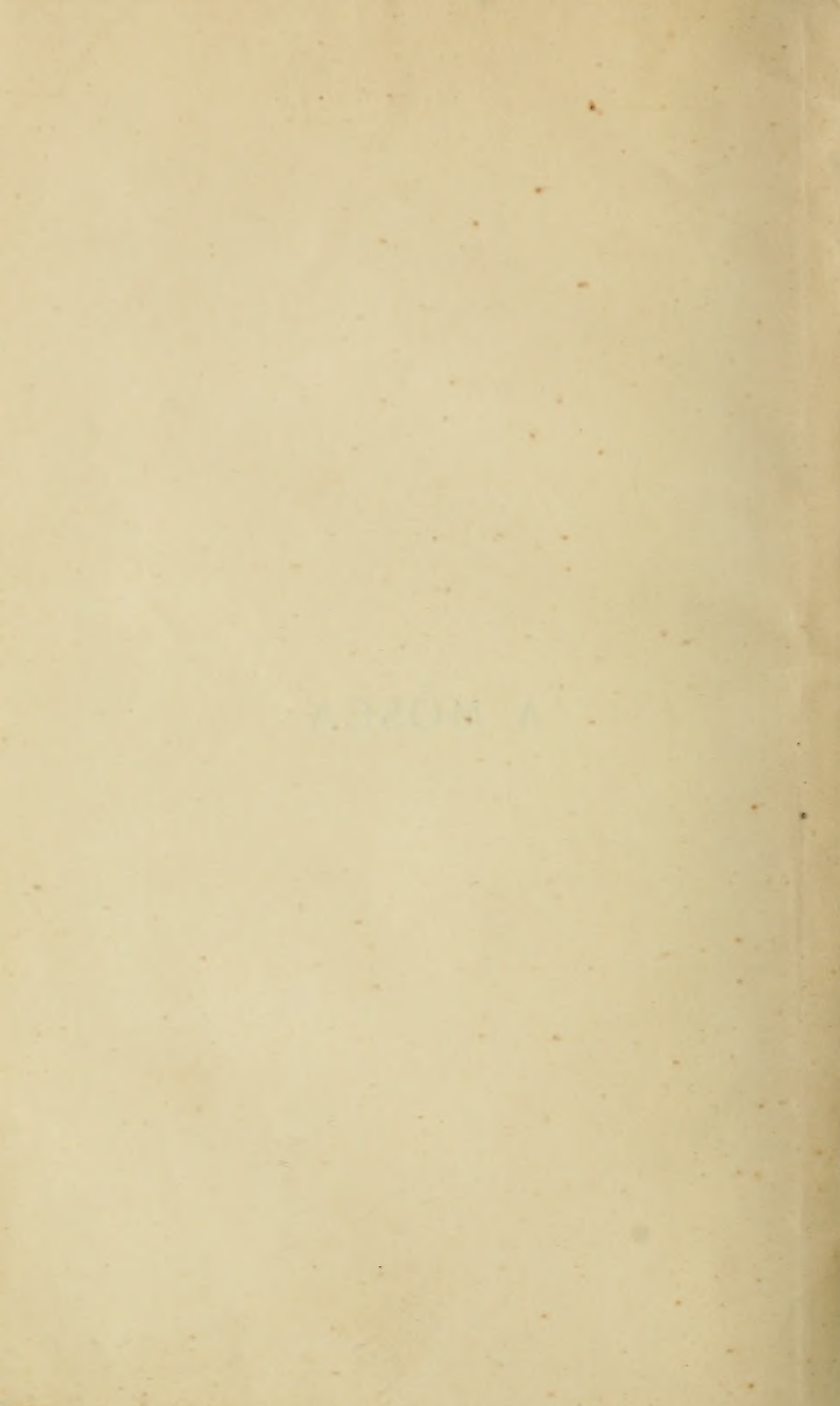
FERNANDO CALDEIRA

A Môsca * A Congressista

Monologos em verso

Nova edição

LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª — EDITORES
186 — Rua Aurea — 188
1912

A MÔSCA

FERNANDO CALDEIRA 1841-1894

A MÔSCA

MONOLOGO EM VERSO

IMITAÇÃO DE «LA MOUCHE»

DE

E. GUIARD

SEXTA EDIÇÃO

LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª, EDITORES
186 — RUA AUREA — 188
1912

A MÔSCA

(MONOLOGO)

Posso dizer-lhe adeus! Lá vae o casamento.
Precisamente então na hora, no momento
de ser feliz! Foi hoje... Eu ia ser feliz...
Eu ia-me casar. A minha estrella quiz,
que eu mesmo! já na egreja! aos pés do sacerdote!
de um piparote, um triste, um simples piparote
escangalhasse tudo, e tudo escangalhei!...
Entrei para casar e sahi como entrei!...

Os padrinhos á porta ainda me diziam
que levasse isto a rir, e com effeito riam;
mas eu queria ver algum no meu logar...

Seis mezes! Foram seis, que a andei a namorar!
E então com que trabalho e então com que cuidado
de nunca me amostrar, senão pelo bom lado,
fazendo-me julgar por ella e pelo pae
por apparencias só. E' sempre o que as attrae...
insinuei-me emfim. Conquisto um paraiso...
a ventura do lar.—Um sonho, que eu realizo...
Uma mulher completa, uma mulher ideal...
Nutridinha talvez, mas não lhe estava mal;
e depois, antes mais, que menos ou postiço.
Uma mulher perfeita e *simples*, se é que ha d'isso.
Adorava-a! O papá dotava-a n'um milhão...
Casamento de amor, de pura inclinação...

Pois bem; todo este céo desaba n'um momento,
como tomba no plaino aos encontrões do vento
uma pobre cabana esfrangalhada e tosca:
e o auctor do desastre?... o auctôr?! uma mosca!
Com mil demonios é ridiculo, não é?

Visto a minha casaca e parto. Entro na Sé.
Estava lá uma môsca e dá-lhe na mania
cumprimentar o noivo, e ella ahi vem! Senti-a
pousar-me no pescoço, e eu, sem desconfiar
que fosse um plano hostil, julgando-a a passear,
uma môsca ociosa, uma môsca *turista*,
que ia ver no nariz do cura ou do sacrista,
na bochecha de um santo, em qualquer parte emfim,
e de passagem poz um *pied à terre* em mim,
fiz este movimento erguendo um pouco um hombro;
ella aproveita e vae; mas qual é o meu assombro!
A infame, executando os planos seus hostis,
installa-se-me aqui na ponta do nariz!
Cuidei que ella atacasse algum dos convidados,
mas debalde esperei; por mal dos meus peccados,
a victima era eu. Vinte vezes voou.
Mas gostou do nariz, não sei o que lhe achou...
voltava logo alli... Fiquei até scismatico!
Que diabo é que ella achou, no meu nariz, sympathico?
pensava eu commigo, ou tambem podia ser
que a môsca alli viesse unicamente — ver.—
Quiz ver a cerimonia até que alguem a enxote
e faz do meu nariz tribuna ou camarote...

Nada d'isso. Era um laço, era um plano infernal!
Parecia fugir em me eu movendo... Qual!
Era um ardil de môsca apenas! Pura tactica...
Voltava logo, logo... E então durante a pratica,
que o padre nos fazia antes de dar o nó,
apesar de eu saber que a môsca andava só,
passeou-me a cara toda a passo e de maneira
que parecia andar com a familia inteira,
as tias, mãe, irmãs, as primas... Eu sei lá!
a parentela toda! Oh! juro que não ha
martyrio egual áquelle. Eu já nem via nada
senão confusamente o padre e a egreja armada.
Suava de afflicção, sentia-me febril,
queria-me vingar d'aquelle insecto vil,
trucidál-o tambem n'uma agonia lenta...
N'isto debruça-se ella a espreitar-me uma venta!
Senti fugir-me então a luz da vista e == *zaz* ==
arremessei a mão, mas não como se faz
para as colher no ar, foi uma bofetada
e boa, que foi dar em cheio e bem puxada,
céos! na cara da noiva!... O pae lança-se a mim...
«Foi *môsca*, bradei eu, foi *môsca*... Foi, pois sim...
Quanto mais lhe gritava, o maldicto do velho
da côr de um rabanete, ainda mais vermelho,

mais custava a conter, engalfinhado em mim!
Desatou-me a gravata! Um escandalo emfim...
«Bateu na minha filha», exclama o desalmado
esbracejando, fulo e de olho esbogalhado,
apopletico, rubro, involto no albornó,
como um *jambon de York* debaixo de um chinó;
um animal feroz, o diabo do velhote!
Um verdadeiro sogro, um d'esses que dão dote,
os mais terriveis, sempre. O caso é que me vi
fatalmente perdido, e então, sem mais, fugi...
O demonio do velho! Estupido! Está claro,
se eu quizesse bater no seu pimpolho caro,
não tinha precisão de antecipar-me assim...
Podia-lh'o fazer depois, mais tarde... Sim,
eu ia-me casar, se eu fosse um d'esses brutos,
não tinha de esperar senão alguns minutos.
O quc me custa mais, o desespero meu
é o naufragar no porto, e então em que escarcéo!
E' ver a causa vil de tão espantoso effeito...
E' a mosca, a môsca só. Tanto mais que eu suspeito
que ha politica n'isto. Aqui andou má fé...
Uma môsca a *flanar* tão cedo pela Sé!...
Uma môsca beata! E agora! Em pleno inverno!
E' politica... Aquillo é môsca do governo,
que a mandou vir aqui fazer-me o que me fez,
porque o circulo, sim, se eu caso, é de uma vez.

Hein?! Que?! Ouvi zumbir! Ó Deus, ó Providencia!
E' ella! é a minha môsca! é ella!... Aqui!... Prüdencia.
Fechemos a janella... Agora... a porta... Assim...
Lá anda!... Agora nós... E's minha... Até que emfim...
Então? desce d'ahi... Vem fazer do meu rosto
praça publica, vem. Tenho até muito gosto.
Desce; vem descançar as azas juvenis,
pousar commodamente aqui no meu nariz...
Inda agora, na Sé, tu fostes muito amavel
ãchando o meu nariz bem feito, confortavel,
uma bonita vista... Então, ó môsca, então vem cá...
Lâ vem ella... Lá vem... Pousou... Emfim, cá está.
Cá estás, môsca maldicta — Até que me pertences.
Não esperes commover-me; é inutil, não me vences.
Prescindo de apparato e pompas, vaes morrer
aqui de morte obscura, humilde e, pódes crêr,
se não fosse o sentil-o ainda muito afflicto
e susceptivel, juro, insecto vil, maldicto,
quem te havia de dar a morte mais atroz
havia de ser elle, elle a victima, algoz.
Não me enterneces, não. Por mais que te debatas...
Cruza no fochinhito as pequeninas patas;
debate-te nervosa em longa convulsão;
finge *um chilique* até, não me enterneces, não!

O teu atroz supplicio, algoz das creaturas,
servirá de licção ás gerações futuras,
e, emquanto a humanidade exultará feliz
saudando a liberdade, ao menos do nariz,
ao simples movimento agora d'este dedo
empallideça a Europa e o mundo do mosquedo —

Não quer isto dizer que eu morra d'esta dôr;
mas, francamente, é triste, é triste e é semsabôr
sahir para casar, ter preparado o ninho
e voltar a final, como sahi, sósinho.
Depois, quando qualquer tem feito uma tenção,
sempre custa a esquecer... pois esta é que é a questão.
Convinha-me, não nego, aquelle matrimonio.
A minha noiva... sim, a noiva... que demonio!
não era uma belleza, é certo, mas emfim
eu ia-me habituando áquella cara... assim...
Ao ser tão bochechuda achava-lhe eu pilheria...
e dá-lhe uma apparencia extremamente séria...
Muito nutrida sim... lá isso é que ella é!...
E' mesmo apparatosa... enchia aquella Sé!...
mas tinha um genio bom, alegre. Parecia...
Talvez dissimulasse assim como eu fazia.
Só uns mezes depois viria a decisão:

podia ser que sim, podia ser que não.
Mysterios do porvir que eu nem sequer perscruto.
Talvez sahisse ao pae! O pae é muito bruto,
bemdicto seja Deus, mais quem o fez assim.
Parecia um *bull-dog* alli fillado a mim!
Bonito sogro! hein? Que paz na intimidade,
se a filha sae ao pae! Lá isso é que é verdade...
é mesmo tal e qual! Não é na cara só,
uma cara redonda e chata como um ó;
é mesmo na figura atarracada e baixa;
nem parece mulher, parece uma borracha,
e aquillo com o tempo ainda engorda mais...
vae alastrando sempre até pesar quintaes!
Uma mulher grotesca e um sogro... sim, que sogro!
Bonito casamento! um verdadeiro logro.
Parece incrivel! hein? E eu sem pensar em tal!
Por causa de um milhão!... Historias... A final...
não se paga a dinheiro a minha liberdade;
e contrapeso então d'aquella qualidade!
E as ceias? e o *sport?* e os bailes semanaes?
e as praias? e o theatro? e muitas cousas mais...
E tanto e tanto bem não ia eu perdel-o?!
Salvei-me por um triz... um fio de cabello!...
Por um cabello, não; perdão, nem por um triz.
Em rigor, em rigor foi pelo meu nariz!...

E foi ella! Tu foste a minha Providencia!
Que ingratidão a minha! O' mosca, tem paciencia;
eu estava meio doido; eu peço-te perdão...
Eu ia-me afogar e tu foste o patrão
do barco salvador... E' graça a ti que existo...
Has-de-me dar licença, eu quero contar isto...
Vou para a redacção; eu escrevo n'um jornal.
Não me digas que não, nem leves isto a mal.
Injusto pude ser, mas nunca fui ingrato...
No jornal de ámanhã ha de ir o teu retrato
e a tua biographia; eu mesmo vou fazel-a.
Eu sei, não digas nada. Eu sei... A boa estrella,
que todos tem no céo, mandou-te pela Sé
salvar-me da tolice, archi-tolice é que é,
em que eu ia cahir .. O' môsca mensageira,
dispõe do meu nariz, da minha cara inteira;
se tudo ainda é meu, tudo te devo a ti...
Se voltares um dia ainda por aqui,
repousa n'esta cara a tua debil aza
e imagina que estás em tua propria casa.

E agora, ao teu destino augusto consagrado,
vae caro insecto, adeus. Adeus; muito obrigado.
Talvez a esta hora esteja um infeliz
a ponto de ir. . . Adeus, espera-te um nariz,
não percas tempo, segue em teu mister fecundo...
Vae de egreja em egreja emancipar o mundo!

A CONGRESSISTA

A CONGRESSISTA

(MONOLOGO)

Já deram sete e meia! O maximo, ás seis horas
ficou de m'o ter prompto! Incrivel! Um chapéo!
Lá se fosse um vestido ainda estas demoras
tinham certa desculpa... E' que devéras eu
não me hei de apresentar com este já tão visto!
E a condessa e as irmãs com chapéos novos... Sim,
estou a vel-as mesmo a rirem-se... Pois isto
é lá chapéo?! Parece a fôrma de um pudim!
Mais ellas, que m'estão, sobretudo a condessa,
com uma vontadinha... agora que a venci,
que a derrotei... Então? metteu-se-lhe em cabeça
disputar-me a eleição! a mim! Mas ai! de ti
e ai! d'aquella, que ousar plantar-se em meu caminho.
Tenho musculos de aço, esmago-a, torço-a assim

como torço este gancho...

(torcendo um gancho do cabello magoa-se)

Ai! meu pobre dedinho!
Maldicto gancho! então!... Fez-me doer!... Emfim
o que é certo é que é minha agora a presidencia
do congresso. Custou-me e muito, mas sou eu!
Maioria de um voto... Eleita em consciencia
porque eu bem me conheço e o voto a mais foi meu.

Sou presidente! E' lindo! E' *chic!* E tenho a linha...
tenho o meu ar!... Ou isto ou a condessa; quê?...
Só esta bella voz, tocando a campainha,
«Está aberta a sessão!» Receio que lhe dê,
quem sabe? algum chilique. E então em me ella vendo
alli! soberba! em pé! com este meu olhar
intelligente e audaz medindo, percorrendo
a sala inteira! assim!... depois arremessar
com um certo desleixo as luvas sobre a mesa,
e passar pela bôcca o lenço de *Alençon*
deixando ver a mão, que eu tenho... uma belleza!
e d'improviso emfim romper-lhes n'este tom:
«Desponta o novo sol. Saudemol-o, senhoras,
«ao abrir a sessão solemne, inaugural
«d'este grande congresso. A Europa a estas horas
«tem os olhos em nós. E o nosso Portugal

«mais uma vez occupa o logar de honra á frente
«de todas as nações na marcha do porvir.
«D'esta vez partirá das praias do occidente
«a redemptora luz, o sol que vae surgir. . .»
E tal... e uns palavrões com mais ou menos nexo,
de que ellas gostam sempre e então — *bomba final* —
«D'orávante, por Deus, sem distincção de sexo,
«mulheres e homens — *Pum* — têm liberdade igual.»

Vou ter uma ovação!... E se fosse ella?! Ha gente
que se julga na altura, eu sei?... de tudo emfim!
Tem graça! presidente! aquillo. . . presidente
do famoso congresso! E' tola! Ainda assim,
não se póde negar, tem alma. . . tem talento. . .
tem grandes ambições e convirá talvez
afastal-a d'aqui. . . Veremos. No momento
em que eu tenha o poder... Em sendo... Oh! d'esta vez
começo a acreditar, que o meu soberbo plano
será mais do que um sonho. Eu creio que d'aqui
a tres annos... ou dois... menos talvez, um anno...
A idéa é verdadeira, é justa, é grande e ha de
com toda a rapidez do raio a fuzílar,
accender pelo mundo o facho da verdade,
rasgando a escuridão do erro secular. . .
Oh! sim, talvez n'um anno, em menos, em seis mezes...

Se ellas tiverem tino, eu não preciso mais
do que seis mezes só. E, a não haver revezes,
meus senhores, cuidado... Emfim somos iguaes.
Teremos por igual direitos e deveres.
De mãos dadas e a par lancemo-nos então
na corrente da vida os homens e as *mulheres*.
Mulheres — Entendeis? — Escravas — já lá vão.

No meu discurso logo hei de dizer-lhes isto.
Preciso d'inflammar aquelles corações,
ingenuos e pueris apenas, está visto,
por lhes terem vedado as mil aspirações,
que na propria grandeza os engrandecem. Quero
vêl-as corar alli, vêl-as chorar até
de vergonha e remorso e raiva e desespero
pelo que dão de vida aos trapos e ao *croché*.
Saberei fulminar em phrase vigorosa
a vida que ellas têm ephemera, banal
vivída entre o piano, uns livros côr de rosa,
os trapos da modista, o *High-life* do jornal,
o passeio ao domingo, a noite de theatro,
as compras pela *Baixa* um dia em cada mez,
ir á janella alli das tres e meia ás quatro
ver voltar quem passou das nove e meia ás dez...
Quanto perdido tempo e quanta actividade!...

E fazem muito bem. No fim dou-lhes razão.
Que parte temos nós ahi na sociedade?
Qual é o nosso fim? Qual é nossa missão?
Ser esposas e mães; d'elles, dos taes senhores,
que talham tanto as leis como os costumes, sós;
fazendo-nos favor de ser nossos tutores
para viverem bem... por elles e por nós.

Hei de dizer-lhes isto, a ellas. E' preciso
imprimir-lhes a força e a força é a aspiração.
Hão de aspirar a mais que ao talhe justo e liso
do seu novo *Jersey*, á graça, á perfeição
do seu vestido côr... da côr da moda, em summa,
e ao chapéo de veludo azul-escuro... ou *gris*
(toda enlevada na recordação do chapéo)
com uma pomba branca, enorme em vez de pluma...
Mas... E' verdade!... e o meu?... Já viram? E eu aqui
muito bem descançada e sem chapéo ainda!...
o meu chapéo azul-escuro, tal e qual
com pomba e tudo... Bom; a coisa ha de ser linda!
Se o meu chapéo não vem... ha de saber-te mal
modista do demonio, estupida modista.
São oito horas! oito! E' a hora. Já lá estão
com certeza ..
(grande pausa)
Já estão?... Melhor; faço mais vista.

Quanto mais tarde entrar, maior a sensação.
Alevanta-se tudo... Exacto... Exactamente
e a condessa tambem, pois ella que mais é?
Quando correr a voz – *E' a nossa presidente* —
quer queira, quer não queira, ha de se pôr de pé.
Não cuide que por ser condessa... Então? condessa!...
Uma fidalga aquillo!... Óra o que a gente vê!
A filha de um burguez enriquecido á pressa
e neta do João... nem eu já sei de quê!
Condessa, porque é conde o seu marido! E' boa!
E se o marido fosse um limpa-chaminés?
Trotava ella então nas ruas de Lisboa
n'outra parelha... a grande... a hanoveriana... os pés.

Em breve quando eu for eleita deputada
hão de ver esta lei proposta lá por mim
apenas eu entrar. Já a tenho formulada.
Tem apenas uns tres artigos. São assim:
Primeiro — «Qualquer graça ou qualquer titulo ha de
ser sempre pessoal d'aquelle a quem se der.»
Segundo — «N'esta lei ha retroactividade»
que é só para chegar á tola da mulher.
Terceiro — vem a ser — Que fica revogada
toda a legislação.. et cætera... Óra, assim,
volta a creaturinha ao primitivo — nada —

e eu faço-me condessa ou talvez mais a mim.
De um golpe a calco a ella e ralo o meu marido.
Coitado! um bom rapaz e faz-me um certo dó!
Elle é muito *poseur*, mas muito divertido.
Muito gostava eu d'elle antes de dar o nó!...
A's vezes faz-me falta. . Estamos separados
muito amigavelmente e em boas relações...
Vem ás minhas *soirées*... é um dos convidados.
Fazemos no verão as nossas excursões.
Separámo'-nos só por uma bagatela...
Eu tenho a pelle fina, eu sei? como setim
e meu marido então dormia de flanela,
porque se constipava em não dormindo assim.
Ao principio cedeu, tirou-a e, na verdade,
quiz muito habituar-se. Eu fui a que não quiz;
porque era toda a noite, aquillo é qualidade,
é coisa que elle tem dentro do nariz!
toda a noite a espirrar! mas era cada espirro!
caiam do *toilette* os frascos, tudo emfim!
E ao assoar-se então... Com isso é que eu embirro!
E' uma fanfarra! é figle, é trompa e é cornetim!
Disse-lhe pois um dia «Ahi tens; eis a flanela.
«Toda a noite a espirrar a pede o teu nariz
«e eu não estou resolvida a pôr-me entre elle e ella,
«por tanto, boa noite, *addio* e sê feliz.»
Elle inda supplicou, mas eu não quiz ouvil-o

porque, esta é que é a verdade, era um pretexto só;
se eu tivesse vagar, não era por aquillo
que eu ía de repente assim desdar o nó.
Fôra preciso ter uma alma vil, rachitica...
Porque elle até chorou beijando-me este pé!
Mas o motivo era uma questão politica,
questão d'este paiz, questão do mundo até.
Eu tinha de fazer a grande propaganda,
e tinha a conquistar um nome, um pedestal;
logo ao ferir-se a lucta o exercito debanda
toda a vez que lhe falte a fé no general.
Quiz dar o exemplo e dei — As azas entreguei-as
e dei a demissão de *Anjo do Lar*, aliás
diriam ao ouvir-me expor estas idéas
sobre emancipação «*Bem prega frei Thomaz*».

Depois, quem pensa em tal? quem pensa n'um marido,
quando se trata emfim da sorte da mulher?
Pois esta é que é a questão. Não é por um vestido,
uma *Sortie de bal*, por um chapéo qualquer...
Não é... por um... chapéo... Meu Deus! mas é verdade!
o meu chapéo sem vir!... São oito e um quarto já!
Mas... isto é extraordinario! Aqui ha novidade!
E' que não despachou a pomba, ora aqui está.
Foi da alfandega a culpa, é claro. Que sinistra,

que amaldiçoada mão a que escreveu a lei!
Mas um dia virá... Deixem-me ser ministra
e as pautas hão de as ver. Pautas eu as farei.
Pois como ha de pagar a pobre da modista
que tudo manda vir de fóra, de Paris? ..
Em coisas de *toilette* eu sou livre-cambista
que é para estimular a industria do paiz...
Pois ella o que produz? Não fabricamos fitas!
nem o velludo azul! nem pombas brancas .. Sim,
ha pombas, sim, mas quê? horrendas, exquisitas...
Em summa, nem sequer um fôrro de setim!
Coisas d'este paiz! Mas, ai! se porventura
eu faço ministerio... eu sei? vai tudo ahi
n'uma poeira. Está claro, é logo em dictadura.
Pois então eu quem sou? Foi hontem que eu nasci?
E das pastas, só eu, já tenho tres na idéa
Reino, Fazenda e Guerra e filo-as... O peior
é que os alferes... sim, não sendo eu nada feia...
Na guerra uma velhota emfim sempre é melhor,
senão a disciplina era uma vez... E eu quero
ter o exercito aqui, na mão; sempre convem.
Mas onde eu vou fazer governo com esmero
é no Reino. Eu nem sei, mas sinto-me alli bem.
Primeira portaria é logo a abrir conventos,
collegios e essa historia; é logo... E a libertar
toda a raparigada. E' a lucta com os ventos

que ás azas dá vigor. A andorinha é do ar.
Hão de ir para os lyceus e escolas superiores
com os rapazes; pois? Eu sei, sei muito bem,
que ao principio por lá doutoras e doutores...
é namoro que ferve... E' certo, mas que tem?
Não quero eu reformar as leis, costumes, tudo?
e dar um novo rumo á sociedade emfim?
E' o meu alto destino, eu sei que não me illudo,
e custe o que custar hei de o levar ao fim.
Não ha nada no mundo... Até que finalmente
entra o meu trem no pateo.

(correndo á janella)

E' o meu chapéo...

(fallando só para acompanhar a mimica)

Então?

Traz o?... você que diz?...

(assustadissima)

Quê?

(fallando para a scena, assombrada)

Negativamente!

(para a janella)

Não vem?

(voltando á scena)

Diz que não vem! Fez-me signal, que não!
Não vem, não vem, não vem! Meu Deus eu endoideço!
O meu rico chapéo! Muito infeliz eu sou!

(chora : depois furiosa)

Pois leva-as o demonio a ellas e ao congresso,
mas, sem o meu chapéo, não vou, não vou, não vou.